
A Violência Doméstica pelo Olhar da Terapia Sistêmica: Atendimento de uma Família

Domestic Violence from the Perspective of Systemic Therapy: Caring for a Family

Deborah Cristina Silveira Thomaz¹

Dr.^a Marlene Magnabosco Marra²

Resumo

O presente estudo fez parte de trabalho de conclusão do curso de pós-graduação *lato sensu* em Terapia Familiar e de Casais apresentado ao Instituto de Pesquisa e Intervenção Psicossocial (Interpsi) e à Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) para obtenção do título de especialista em Terapia Familiar e de Casais em 2020. Teve como objeto de estudo uma família com história de violência doméstica. Por meio de sessões de terapia, foi trabalhado o conceito de violência doméstica; investigado a repetição de padrões de violência nas famílias de origem do casal; e trabalhado a consequência do padrão de violência nas relações familiares de todos os membros. Como resultado, teve a percepção das alianças não saudáveis, processo de separação e individuação de cada membro e troca de papéis estabelecidos no decorrer da história familiar. Como conclusão, a família pôde experimentar uma ressignificação do padrão de violência, podendo perceber aspectos positivos de reestruturação e superação familiar, além da progenitora tomar de volta seu protagonismo para condução da sua própria vida e de sua família.

¹ Psicóloga formada pela UFSJ (2004). Psicóloga clínica: existencial e gestáltica formada pela Fead (2008). Terapeuta de casal e família pela PUCGOIÁS e Interpsi (2020). Associada a ATF-RJ. Experiência de quatro anos no programa sentinela de combate ao abuso sexual de crianças e adolescentes do estado de Minas Gerais. Experiência de três anos em Psicologia Escolar e Clínica pelo Sistema Único de Saúde no estado de Minas Gerais. Experiência de quatro anos como psicóloga de Centro de Atenção Psicossocial do estado de São Paulo. Psicóloga clínica e hospitalar de Hospital de Força Aérea de Brasília por seis anos. Atualmente, psicóloga clínica e terapeuta de casal e família autônoma. Linhas de atuação: Psicoterapia de indivíduos, casais, famílias e grupos, terapia on-line, psicologia escolar e psicologia da saúde.

² Psicóloga, terapeuta de casal e família (ABRATEF); psicodramatista, professora e supervisora (Febrap); Práticas Colaborativas e Dialógicas (Interfazi / Houston Galveston Institute / Taos Institute); doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB); professora e pesquisadora associada plena da UnB; membro do Conselho Deliberativo e Científico da ABRATEF; trabalha com famílias, abuso sexual, violência familiar, processos grupais e de comunicação, capacitação de profissionais e desenvolvimento de equipe; foi coordenadora pedagógica e docente do Instituto de Pesquisa e Intervenção Psicossocial (Interpsi) por 30 anos; autora de artigos, capítulos e livros relacionados a terapia familiar e de casais, violências, abuso sexual, intervenções grupais e práticas colaborativas.

Palavras-chave: transgeracionalidade; terapia sistêmica; desigualdade de gênero; violência doméstica

Abstract

The present study was part of the conclusion work of the Lato Sensu Postgraduate Course in Family and Couples Therapy presented to the Psychosocial Research and Intervention Institute - Interpsi and to the Pontifical Catholic University of Goiás - PucGo to obtain the title of Specialist in Therapy Family and Couples in 2020. The study object was a family with a history of domestic violence. Through therapy sessions, the concept of domestic violence was worked on; investigated the repetition of patterns of violence in the couple's families of origin and worked out the consequence of the pattern of violence in the family relationships of all members. As a result, he had the perception of unhealthy alliances, the process of separation and individuation of each member and the exchange of roles established throughout the family history. As a conclusion, the family can experience a new meaning in the pattern of violence, being able to perceive positive aspects of family restructuring and overcoming, in addition to the mother taking back her role to lead her own life and that of her family.

Keywords: transgenerationality; systemic therapy; gender inequality; domestic violence

A Violência Doméstica pelo Olhar da Terapia Sistêmica: Atendimento Ambulatorial de uma Família

“A vida inteira eu não pude nada, sempre sofri violência, sempre acuada e com medo, agora meu marido está idoso e doente e eu me sinto como um pássaro com a gaiola aberta sem poder e saber voar.” (Maria, 2019).

A violência doméstica é uma vivência complexa com várias relações causais e inúmeras consequências. Um olhar simplista e objetivo não compreenderia esse fenômeno. Ela está inserida na cultura machista, na supremacia do poder masculino sobre o feminino, sendo assim, existe uma aceitação velada da violência. No entanto, a sociedade vive um processo de desconstrução dessa cultura, e, aos poucos, a violência sai dos escombros e ganha

visibilidade, acontecendo, assim, uma crescente busca por ajuda e denúncias (Marra, 2016; 2020).

Segundo Ferrari (2013),

[...] a violência é um fenômeno pautado nas diferenças na sociedade que, convertidas em desigualdade, predispõe uma hierarquia e uma relação de poder, verifica-se sempre o dominante e o dominado. A vontade de um é submetida à vontade do outro. A pessoa neste contexto perde a autonomia não manifestando sua vontade e submetendo-se à vontade do outro (p.88).

A constatação da naturalização da violência doméstica pela cultura machista despertou o interesse por este trabalho. A própria vítima da violência pode em um primeiro momento, não ter percepção do que está sofrendo.

Buscando a compreensão ampla da violência, iniciou este estudo com sustentação na terapia familiar sistêmica. Ao estudarmos a violência, percebemos a importância do terapeuta familiar não só como agente de mudança das relações familiares, mas também propondo o olhar para os aspectos da teoria de gênero e mobilizando discussões sobre esse tema. Trazendo essas questões para a sessão com a família, casal e indivíduo, podemos nos transformar em agentes preventivos da violência doméstica e cessar o ciclo da violência.

Sendo assim, o presente estudo de caso tem como objetivos compreender os aspectos relacionados à violência doméstica, relacionar a história transgeracional com o comportamento violento e, por fim, estudar como a terapia sistêmica proporciona mudança no ciclo de violência doméstica da família.

Ladvoat (2013) diz que o trabalho psicoterapêutico com a família em situação de violência prima pela contenção de conflitos e pela transformação do ciclo sintomático em novas soluções. Para isso, proporciona um ambiente de confiança, investigando a resiliência familiar, a capacidade de resolver conflitos e situações no decorrer da vida. Trazendo, assim, a própria competência da família para sair do ciclo da violência.

Fundamentação Teórica

Violências

“A violência doméstica é a maior causa morte de mulheres entre 16 a 44 anos, superando doenças como câncer e acidentes de carro” (Penha, 2010, p.158). Segundo Cunha e Pinto (2019), a violência doméstica teve visibilidade perante a justiça a partir de 2006, com a edição da Lei Federal n.º 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, por meio da qual se buscou uma maneira de coibir e prevenir a violência doméstica. Esse diploma legal foi criado 23 anos após um crime bárbaro cometido contra a farmacêutica Maria da Penha Maia Fernandes, que foi atingida, enquanto dormia, por um tiro desferido por seu então marido, um economista colombiano, naturalizado brasileiro. Como consequência dessa ação criminosa, Maria da Penha ficou paraplégica.

À época desse violento crime era notória a total desproteção que a mulher sofria perante o estado e a sociedade. O crime contra Maria da Penha aconteceu em 1983, mas somente em 1996 o autor da violência recebeu sua condenação, a pena de 10 anos e seis meses. Sua prisão aconteceu somente em setembro de 2002, da qual cumpriu nem ao menos um terço em regime fechado.

Cunha e Pinto (2019) ressaltam que, em 1998, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, órgão da Organização dos Estados Americanos (OEA), recebeu a denúncia apresentada por Maria da Penha, bem como pelo Centro de Justiça e o Direito Internacional (CEJIL) e pelo Comitê Latino-Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM).

A partir dessa denúncia, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos publicou um relatório em 2001, por meio do qual foi possível entender a violência doméstica praticada em nosso país, além de destacar as principais falhas da justiça brasileira verificadas no caso Maria da Penha. Dentre as várias deliberações tomadas por essa Comissão, destaca-se o pagamento de uma indenização de 20 mil dólares em favor da Maria da Penha, que está em discussão até hoje. A partir de então, os casos de violência doméstica ganharam visibilidade

e repercussão social, abandonando, assim, os sombrios porões do desconhecimento e da impunidade.

Nesse sentido, destaca a importância para a sociedade da denúncia feita por Maria da Penha:

Para mim foi muitíssimo importante denunciar a agressão, porque ficou registrado internacionalmente, através do meu caso, que eram inúmeras as vítimas do machismo e da falta de compromisso do Estado para acabar com a impunidade. Me senti recompensada por todos os momentos nos quais, mesmo morrendo de vergonha, expunha minha indignação e pedia justiça para meu caso não ser esquecido (Maria da Penha 2006, citado por Cunha e Pinto, 2019, p.26).

Atualmente, Maria da Penha é líder de movimentos de defesa dos Direitos Humanos e fundadora do Instituto Maria da Penha.

Pensamento Sistêmico

Diante desse cenário da violência doméstica, ganha destaque o relevante papel desempenhado pela terapia familiar que, ao lançar um olhar sistêmico para o problema, busca maior compreensão do fenômeno da violência doméstica na tentativa de ajudar as mulheres e as famílias atingidas. Assim, procura-se abranger o olhar para o sistema familiar (Marra, 2016; 2020).

É nesse sentido que Nichols e Schwartz (2007) destacam que alguns problemas são mais suscetíveis a uma abordagem familiar: questões com os filhos, queixas a respeito do casamento, hostilidades familiares e sintomas que se desenvolvem no indivíduo no momento de uma transição familiar. Ressaltam, ainda, que, dentro dessa perspectiva, o olhar do terapeuta tem que ser para o sistema no qual a pessoa está inserida, analisando o sistema relacional até as gerações passadas. Sendo assim, a teoria sistêmica não foca no adoecimento do indivíduo isoladamente, considera as interações e relações entre os membros da família e todos os sistemas interligados.

Segundo Nichols e Schwartz (2007), a teoria dos sistemas tem origem na Biologia, Matemática, Física e Engenharia da década de 1940, a qual tem como premissa um sistema

podendo ser composto por sistemas menores e ainda fazer parte de um sistema maior complexo. As propriedades de um organismo surgem das interações e relações entre as partes. O todo é sempre maior que a soma das partes.

Dentro da perspectiva sistêmica, surgiu várias escolas em terapia familiar que tem fundamentos em comum, como a questão da causalidade circular e não causalidade linear, estudo das relações e sistemas interconectados em sistemas maiores.

McGoldrick (2012) destaca que a avaliação sistêmica abarca os níveis intrapsíquicos, biológico e interpessoal de uma família, estendendo a análise para a comunidade e cultura nas quais está inserida. As famílias estão organizadas dentro de estruturas biológicas, legais, culturais, emocionais, além de uma organização de acordo com a geração, idade, gênero e outros fatores.

Seguindo essa perspectiva, o estudo da violência abrange o sistema familiar e vai mais além, estudando, também, a transmissão transgeracional. Assim, não fixa apenas na família nuclear, investigando até três gerações.

O fenômeno da violência doméstica precisa ser despertado para análise por meio não só do casal e da família que vivenciam a violência, mas também pelas gerações anteriores. Segundo Framo (2002), as dificuldades conjugais atuais referem-se a no mínimo três gerações e seria um esforço para reparar, corrigir, controlar, defender e apagar antigos e perturbadores paradigmas relacionais ligados à família de origem.

Segundo McGoldrick, Gerson e Petry (2012), as questões atuais da família são uma reedição de situações de gerações anteriores. Problemas como alcoolismo, incesto, sintomas físicos, violência e suicídio tendem a ser repetidos nas famílias de geração para geração.

Para Maria Luiza Dias (2013), o comportamento violento é transmitido por meio de aprendizagem social, via socialização na família, engendrado por processos identificatórios. Ela fala ainda dos fenômenos inconscientes que podem ser investigados por meio dos segredos familiares passados de geração a geração.

De acordo com Dias (2013), a herança ancestral é modelo poderoso para a família nuclear, na qual o grupo familiar é reduto de transmissão psíquica genealógica. Ainda assim,

ela não perde de vista o momento presente e a transformação que a família nuclear pode fazer, não sendo totalmente determinada por repetições de comportamentos e de relações da família de origem.

Berenstein (2007, citado por Dias, 2013) fala do estabelecimento de vínculos por um casal. Para ele, quando um casal encontra-se, algo novo acontece. Duas pessoas diferentes unidas também serão diferentes diante de vínculos anteriores.

Contudo, Dias (2013) traz o olhar do terapeuta da transmissão transgeracional de padrões familiares até o momento presente da família nuclear e todas as novidades vivenciadas, já que os membros não são clones de seus antepassados, mas indivíduos portadores de uma herança ancestral que pode estar parcialmente recriada.

Especificamente falando da intervenção em terapia familiar sistêmica com foco na violência doméstica, temos alguns trabalhos como o de Ladvocat (2013), o qual fala do conceito de resiliência familiar, conceitualizando de forma sistêmica. O terapeuta com o olhar na violência investiga os processos interativos dos membros e a capacidade destes frente ao trauma e situações vivenciadas na vida.

Ainda falando das intervenções em contexto de violência doméstica, temos o trabalho de Stith e McCollun (2013), que foi embasado no modelo da TBFS, a abordagem de tratamento focado na solução de Shazer e Berg (2007). Focando nas competências da família, o terapeuta espera que os clientes tenham recursos necessários para resolver suas próprias dificuldades.

Segundo Stith e McCollum (2013), esse sistema sugere que os terapeutas focalizam mais as competências das pessoas do que suas deficiências, mais as suas partes fortes do que as fraquezas e mais suas possibilidades do que suas limitações. “Mais do que realçar aquilo que não está funcionando, a tarefa do terapeuta é identificar e amplificar a mudança” (p.108).

Método

Esta é uma pesquisa qualitativa baseada na perspectiva de Minayo (2014), que considera a pesquisa qualitativa como uma análise das expressões humanas presentes nas relações, nos sujeitos e nas representações.

Trata-se de um estudo de caso que, segundo Minayo (2014), tem como estratégia a investigação mapeando, descrevendo e analisando o contexto, as relações e as percepções a respeito da situação estudada. Este trabalho fez parte da conclusão de curso em Terapia Sistêmica Familiar e de Casais, foi realizado o termo de consentimento livre e esclarecido para a família participante, e os nomes citados no trabalho são fictícios, a instituição interpsi, a PUC de Goiás e a supervisora são responsáveis pelos trabalhos de conclusão de curso.

Participantes

Tabela 1

Dados relevantes dos participantes

Membros	Nomes(fictícios)	Idade	Nível escolar	Profissão
Pai	José	68	Ensino médio	Militar
Mãe	Maria	54	Ensino médio	Do lar
Filha	Marina	34	Superior Completo	Direito
Filho	Eduardo	26	Superior Completo	Aviador civil

Instrumentos

Para este trabalho, foram realizadas as etapas: entrevista aberta como instrumento de coleta de dados da história familiar, investigação da violência doméstica e a detecção de possíveis fatores relacionados e consequências; sessões de terapia familiar sistêmica, buscando alguns princípios do trabalho de Stith e McCollun (2013), teoria de intervenção

sistêmica com violência doméstica de Ladvoat (2013); e análise da transgeracionalidade de acordo com MC Goldrick (2012).

Procedimentos

A seleção dos participantes foi realizada por meio de avaliação de gravidade dos casos encaminhados pela assistência social.

O progenitor da família deu entrada pela emergência de hospital geral com risco elevado de suicídio e heteroagressividade, ele também tinha uma doença renal crônica, precisando de hemodiálise diariamente e por isso optaram pela internação para contenção de risco suicídio.

Foram realizadas sete sessões para coleta de dados e intervenção sistêmica conforme descrito a seguir:

- Primeira sessão: atendimento multidisciplinar, com a presença do serviço social, da psicologia, da Maria e dos dois filhos do casal. Teve como objetivos a compreensão do caso, explicitação de intervenções e encaminhamentos necessários.

- Segunda sessão: atendimento individual sistêmico com a vítima da violência doméstica, com entrevista aberta para investigação sistêmica, a qual Maria foi convidada a falar livremente sobre a relação conflituosa entre ela e o marido, proporcionando também perguntas reflexivas para um maior entendimento do mecanismo de inter-relação dos conflitos. Nessa, os outros membros da família não puderam estar presentes devido à hospitalização do José e ao trabalho do filho.

- Terceira sessão: início da terapia familiar breve após alta hospitalar de José com diminuição de risco de auto e heteroagressividade. Nessa sessão estiveram presentes Maria, José e a filha, Marina. O filho não esteve presente devido à escala de trabalho. Foram realizados o contrato psicoterapêutico, o relato de demandas, a investigação sistêmica, o relato de história das famílias de origem do casal e a definição dos objetivos de cada integrante no processo;

- Quarta sessão: realizada com a mãe e a filha, sendo feitas intervenções referentes às relações mantenedoras do ciclo da violência e relações de dependência entre mãe e filha. O pai chegou ao final da sessão.

- Quinta sessão: foi de psicoeducação, com o tema violência doméstica, intervenções sistêmicas focais para término do ciclo da violência. Estiveram presentes pai, mãe e filha.

- Sexta sessão: atendimento remoto devido à impossibilidade de atendimento presencial por causa de nova hospitalização do José devido a uma queda e fratura na bacia;

- Sétima sessão: atendimento remoto para finalização.

Análise de dados

Para análise de dados, foi utilizado a leitura das transcrições das sessões à luz da teoria dos autores sistêmicos citados neste artigo. Foi explorado o material encontrado classificando em categorias de acordo com o conteúdo organizado de significados para esta pesquisa. Tendo como norte a análise de conteúdo, que, de acordo com Minayo (2014), “busca a interpretação cifrada do material de caráter qualitativo” (p.304).

Resultados

A História da Família

José e Maria conheceram-se no Nordeste. Eles namoraram por pouco tempo e casaram-se. José, nove anos mais velho, foi o primeiro namorado de Maria, que viu, no casamento, a possibilidade de sair do ambiente familiar, o qual era caracterizado por muitos conflitos entre seus pais e de uma educação rígida e autoritária.

José, com três filhos, já tinha um casamento anterior, o qual, devido à violência doméstica, teve como consequência um distanciamento entre pai e filhos que perpetua até os dias atuais. Maria, quando se casou, não sabia do real motivo da separação de José.

O casamento de Maria e José teve um momento inicial de tranquilidade, porém os conflitos intensos vieram com a chegada dos filhos e pela compulsão de José por jogos. Ele começou a se ausentar de casa para beber e jogar, e, com isso, começaram as brigas, durante

as quais José alterava-se, gritava e ameaçava Maria e os filhos. O casamento ficou insustentável após um episódio no qual José ligou o gás de cozinha, ameaçando matar a todos. Com isso, Maria voltou para o Nordeste, ficando lá com sua família por um ano.

Nessa época, foi realizada a separação judicial e, com a pensão alimentícia, Maria sustentava os filhos. Sua filha, já com 18 anos, ajudou a cuidar do irmão de 11 anos e administrou o dinheiro da família.

No ano da separação, José foi até o Nordeste algumas vezes. Ele fazia ameaças, deixando a família amedrontada. Com o passar do tempo, ele parou as agressividades e prometeu mudança, fazendo, assim, com que Maria voltasse com a família para Brasília. Contudo, a separação judicial manteve-se, mas os dois voltaram a morar juntos até a atualidade.

José continuou o vício por jogo, demonstrava muito ciúme e medo de perder Maria. Isso fazia com que ele a controlasse, e, aos poucos, ela foi desenvolvendo um medo de sair de casa e ficou só cuidando dos filhos e do marido.

Quando o filho atingiu a maioridade, José começou a pagar faculdade de aviação para ele, comprou-lhe um carro e, ao mesmo tempo, trocou seu próprio carro. Assim, encheu-se de dívidas, as quais existem até os dias atuais.

A filha fez faculdade de Direito e, por possuir bolsa parcial, a mãe ajudava a pagar o restante da mensalidade com venda de bolos. Ela tinha muita mágoa porque o pai não a ajudou a pagar seus estudos.

Atualmente, a renda que sustenta a família é a pensão alimentícia de Maria, visto que o salário de José está vinculado a empréstimos realizados para o pagamento de dívidas de jogo. Ele tem doença renal crônica, fazendo com que dependa fisicamente de Maria. O filho trabalha em uma companhia aérea e ajuda financeiramente a mãe. A filha trabalha como esteticista e estuda para concurso, não tendo renda própria.

Discussão de Resultados

Categoria 1: Fatores Correlacionados à Violência Doméstica

Segundo Ladvoat (2013), existem fatores correlacionados ao estresse e à violência. No contexto social, temos recursos econômicos e sociais esgotados, fatores ambientais estressantes, isolamento social e falta de recursos para a sobrevivência.

Ao analisar o contexto da família em questão, percebeu-se a vulnerabilidade financeira em consequência de dívidas que totalizam 100 mil reais relacionadas à compulsão de José por jogo e pelo investimento na carreira de aviação do filho do casal.

Maria não trabalhava fora devido ao ciúme e ao controle do marido e por ter introjetado como função da mulher o cuidado do marido e dos filhos em casa. A cultura à qual Maria esteve inserida no passado na sua família de origem era a de passividade da mulher, o homem como o provedor e líder, a mulher como cuidadora e apaziguadora de brigas e submetendo-se à vontade e às ordens do homem. Maria, em seu casamento, vivia isolada, não tendo amigos e familiares morando na mesma cidade. O seu ciclo de amizades era restrito às relações de amizade que o marido tinha.

Outra vertente ao analisar a violência doméstica nesta família é a questão de gênero. As desigualdades entre homem e mulher estão inseridas por meio do controle da situação financeira estar na mão do homem, verbalizações do homem ser o mais forte, a mulher não precisar trabalhar e ter que ficar em casa, não precisar sair de casa para ter lazer etc.

Na educação dos filhos, José investiu principalmente na carreira do filho aviador e na compra de um carro para ele. Na fala de José, foi explicitado que ele precisava dar ao filho uma condição melhor para que, no futuro, ele pudesse sustentar uma família.

De acordo com Penso e Santana (2016 citando Araújo, 2002; Bandeira, 2008; Saffioti, 1999), a discussão referente à teoria de gênero precisa ser explicitada focando na importância do respeito e das condições igualitárias sociais e políticas entre homens e mulheres.

Categoria 2: Violência Doméstica e História Transgeracional Familiar do Casal

Ao analisar a violência doméstica nessa família, relacionou-se à história das famílias de origem desse casal, podendo ser um fator de risco para a perpetuação da violência doméstica (Penso & Santana, 2016). O pai da Maria cometeu a violência doméstica no passado. Ele era

autoritário e machista. Maria casou-se para sair do ambiente opressor e violento. Ela era muito presa e passiva na sua família de origem.

A família de origem do José, segundo ele, era de não brigas, seu pai era passivo, quando estava com raiva só saía e batia a porta. Sua mãe que era brava, mas, segundo ele, “num casal o homem vai sempre ganhar, só perde se a mulher for lutadora”.

De acordo com Penso e Santana (2016, citando Ramos & Oliveira, 2008; Rosa & Falcke, 2011),

[...] se em uma família a dinâmica das relações são caracterizadas pelo autoritarismo e rigidez, não existindo outros fatores externos e internos de proteção que modifiquem esse padrão, podem ocorrer repetições das relações de violência. Quando isso acontece, seus membros possivelmente buscarão resolver seus problemas e estabelecer relações conjugais semelhantes às vivenciadas e internalizadas no seio familiar, podendo, por exemplo, estabelecer relacionamentos que têm a violência como base (p.3).

Segundo McGoldrick (2012), “as famílias repetem a si mesmas, mesmo que os padrões comportamentais sejam diferentes, as questões são encenadas incessantemente de geração a geração” (p.32). A hipótese é que os padrões de relação nas gerações anteriores fornecem modelos implícitos para o funcionamento familiar na geração seguinte.

Maria estabeleceu com o marido uma relação de passividade e medo, tendo muitas vezes atitudes de recuo para não gerar conflitos intensos, o que poderia despertar agressividade em José. Repetindo um comportamento que tinha na família de origem.

Maria, como sua mãe, decidiu não se separar e tornou-se cuidadora do marido doente. Isso pode mostrar a repetição da história de sua família de origem, como uma reedição para elaborar vivências do passado.

De acordo com Bowen (1978 citado por McGoldrick, Gerson, & Petry, 2012), a estrutura de desenvolvimento saudável seria aquela que existe diferenciação, a pessoa torna-se independente de uma outra. Assim foi percebido dependência de Maria com sua filha, Marina, fazendo com que esta assumisse o papel de proteção e defesa da mãe.

Marina percebe, nas sessões, o papel de protetora que ela exerceu com sua mãe. Emocionada, expressou do que abriu mão para cuidar da mãe e do irmão.

Maria, nas sessões, disse não imaginar ter impedido a filha de seguir sua vida. Nessa família, parece que as mulheres das três gerações têm o papel de cuidadoras, mas ao mesmo tempo necessitam de proteção. Maria, devido à sua vulnerabilidade emocional, dependência, insegurança de base e história familiar de origem, parece reeditar as falhas das suas relações parentais.

Segundo McGoldrick, Gerson e Petry (2012), “os irmãos tendem a contar um com outro, quando os pais não estão disponíveis ou não conseguem suprir as necessidades nutricionais”. (p.120). Isso mostra o porquê de Marina ter assumido o cuidado com o irmão e a mãe.

Sendo assim, também foi importante levantar uma outra hipótese, a de que, nessa família, existia uma relação triangular entre os dois filhos e a mãe. Com uma linha de relacionamento próxima, os filhos uniram-se para ajudar a mãe, que seria vítima da violência, e ficaram contra o pai, que é o violentador de toda a família. Isso fica nítido na fala do filho de raiva do pai e da filha de cuidado e proteção com essa mãe. Segundo Bowen (1978, citado por McGoldrick, Gerson, & Petry, 2012), “a relação triangular se caracteriza pela aliança de dois em relação a um terceiro” (p.162).

Nas sessões finais, Marina relatou que, ao ouvir a história da família de origem dos pais, pôde compreender, mesmo que não aceite, as atitudes do pai e da mãe na violência doméstica. Ela disse estar repensando o seu papel e está conseguindo ver progresso na mãe, quanto de menos temerosa, menos passiva e buscando independência emocional.

Categoria 3: Violência Doméstica e Intervenções Sistêmicas para o Cessar do Ciclo de Violência

Com a investigação sistêmica por meio da entrevista aberta e tendo como referência a conceituação de violência doméstica prevista na Lei n.º 11.340, constatou-se, nesse caso, atual violência psicológica. José utilizou de sua condição limitante de doença crônica nos rins e idade avançada para se vitimizar e ameaçar se matar. A esposa, por sua vez, se mostrou refém de toda essa situação, insegura e com medo de mudar sua vida.

A filha do casal, Marina, denunciou essa violência, relatando a prisão que a mãe vivia, não tendo o direito de ir e vir. A história de violência nessa família já teve episódios graves de ameaça à integridade física de Maria e dos filhos praticada por José.

Existia, também, nessa família, discussões agressivas entre os irmãos, apresentando sempre como fundo o fato de o Eduardo ter tido melhores oportunidades e não ajudar a família financeiramente. Nessa situação, Marina cita a passividade da mãe frente às atitudes do filho.

Seguindo a teoria de Ladvoocat (2013), as sessões em terapia familiar seguem, primeiramente, pela investigação sistêmica para, posteriormente, estabelecerem limites e nomearem a não aceitação de comportamentos abusivos nas sessões. Estabelecem, assim, um olhar para a forma como cada membro responde à situação de violência e às alternativas encontradas. Dessa maneira, pode-se obter uma reorganização saudável dos laços familiares, focando na competência familiar. O terapeuta mantém a integridade não entrando nos padrões de interação destrutivos.

De acordo Stith e McCollum (2013), o objetivo da terapia breve focal sistêmica é acabar com todas as formas de violência na família, focando no sistema do casal. Para eles, existe uma interdependência de comportamento mantendo o ciclo da violência. Essa interdependência existe porque os padrões repetitivos de comportamento do sistema do casal mantêm o abuso. Sendo assim, aumentando o afeto positivo e a experiência positiva entre os parceiros, é possível reduzir o estresse no relacionamento.

Após investigação sistêmica, explicitou-se o que é a violência doméstica e como esta acontece na família. Assim, Maria falou ao marido quais atitudes e falas dele são agressão para ela.

Perguntou-se ao José como ele via a violência doméstica na família. Ele respondeu “gritar, ameaçar se estão falando que eu fiz no passado, eu fiz, mas eu não peço ninguém para ficar do meu lado, quer ir embora vá, eu vou para um asilo, não me importo, já estou perto de morrer”.

Assim, explanou na sessão a fala dele de ameaça contra a própria vida, a fala de que podem deixá-lo no asilo, o impedimento que ele faz de Maria sair de casa e a desigualdade na sua família quanto a direitos e deveres entre homem e mulher.

Perguntou-se ao José qual a percepção dele das relações familiares. Ele disse que sempre o casamento teve brigas porque não queriam que ele jogasse, mas, no jogo, ganhou muito também, complementando a renda familiar.

As intervenções seguiram também para o fortalecimento da competência familiar, buscando melhorar o nível de funcionamento do casal e focar em comunicação para resolução dos problemas. Perguntou-se aos pais como eles fariam com a situação do filho distante e com raiva, não conseguindo, assim, ajudar financeiramente a família. Foi dito que parecia existir um bloqueio do filho em ajudar financeiramente justamente por tudo que já viveram em relação à violência doméstica.

O pai disse que queria ir ao Rio de Janeiro para ver como está um processo dele trabalhista, porque, resolvendo isso, pagaria as dívidas. A filha e a mãe foram contrárias. Então, devolvi aos pais a decisão de irem ou não pessoalmente ao Rio de Janeiro, trazendo o casal para frente como laço de resolução de conflitos.

Para a intervenção Ladvocat (2013), fala de apostar na resiliência familiar, o terapeuta frente a uma família em situação de violência investiga os processos interativos e a capacidade desta frente ao trauma e às situações vivenciadas na vida. Sendo assim, os recursos e as ferramentas conceituais são tão necessárias como as técnicas de empoderamento.

Sendo assim, foi falado do que é bom nessa família. O José disse ter um filho aviador, uma filha advogada, mas o filho “não deu certo” porque virou as costas para a família.

Perguntou-se o que precisava melhorar, José disse o financeiro, Maria, a gratidão do filho – ela disse perceber, agora, ele sendo o mais privilegiado por ser homem – e Marina disse que não tem muita esperança de mudança na família, mas que sempre soube que exercia um papel que não era dela, nisso ela consegue mudar.

Explicitou-se que, para existir mudança, era preciso acabar com o ciclo de não resolução de conflitos e conseqüente violência na comunicação. Os três precisavam pensar e conversar sobre o que fazer para resolver os problemas de forma diferente, já que os três, naquele momento, moravam juntos. A reflexão foi realizada, e, a partir daí, a família começou a apresentar mudanças.

Com o decorrer das sessões, Maria começou a mudar a comunicação com José e Eduardo. Ela conversou com o filho, tendo atitude ativa frente ao distanciamento dele em relação aos problemas econômicos familiares. Com José, Maria rompeu a comunicação de manipulação. Ela contou ter chamado a filha para ir ao shopping. Lá, se sentiu livre, sem medo.

Depois do término das sessões, a família sofreu uma reorganização devido ao acidente doméstico com José, que sofreu uma queda e teve uma fratura na bacia, vindo a ficar hospitalizado quase um mês. Em atendimento com a família por telefone, foi percebido e nomeado a organização dessa para os cuidados, não sobrecarregando Maria. Eduardo pôde ficar mais presente. Após o período de hospitalização, José ficou em casa com restrições de locomoção.

Em junho do presente ano, foi realizado um atendimento remoto devido à pandemia e, assim, constatou-se que Maria estava independente emocionalmente da filha, e Marina foi morar com o namorado. Maria está conduzindo a situação financeira da casa, detém, agora, o cartão do banco, e, sendo assim, o marido não faz mais dívidas, nem sai para jogar. José encontra-se em tratamento farmacológico psiquiátrico e está, assim, controlado das compulsões, agressividade e sintomas depressivos.

Segundo Maria, Eduardo, o filho, disse ter orgulho da mudança da mãe e encontra-se mais próximo do pai. José não mais comete a violência doméstica e, quando altera a voz, Maria já se defende e ele para. Financeiramente, Maria está complementando a renda familiar com a fabricação de bolos e pães e Eduardo tem ajudado financeiramente nessa iniciativa dela.

Considerações Finais

Trabalhou-se nessa família as relações conflituosas e desenvolvimento individual de cada membro. Ladvocat (2013) fala que, quando na família existe a violência doméstica, há uma dificuldade em lidar com os conflitos, assim a violência é o padrão preponderante.

Por meio da perspectiva sistêmica, buscou-se um olhar mais amplo da violência doméstica, trazendo, para a sessão com a família, todas as possíveis relações, ciclo e fatores mantenedores da violência. Isso proporcionou à família parar o ciclo de acusação e paralização na violência, conseguindo trazer mudança para as relações.

Segundo Elizabeth Polity (2013),

[...] é na família que aprendemos a amar: a nós e aos outros. É na família que aprendemos a entender que diferenças não são desigualdades e que podemos conviver com aquelas sem sentirmo-nos ameaçados. É na família que aprendemos a empatia, essa capacidade que nos permite estar no lugar do outro e tratá-lo com o mesmo respeito que desejamos ser tratados. Enfim, como bem falou Winnicott tudo começa em casa (p.20).

Este estudo trouxe uma melhor compreensão do fenômeno da violência, suas facetas, particularidades, conexões intergeracionais e possível mudança por meio da terapia sistêmica.

Uma questão percebida nesta pesquisa, e arriscando falar estar na raiz da violência doméstica, é a desigualdade entre homens e mulheres na nossa sociedade, a relação de poder masculino e submissão feminina. A história de luta da mulher por relações igualitárias e de respeito faz parte do meu cotidiano e do de todas as mulheres. Sendo assim, o quanto é importante o pesquisar mais sobre esse tema e lutar pela mudança da cultura machista.

Será que a visibilidade do que está por traz da violência doméstica por meio de mais estudo poderá trazer as mulheres um espaço maior de luta pela igualdade e respeito?

Outra questão levantada é o estudo de determinadas culturas, a relação que estas têm com a violência doméstica. A cultura militar, os aspectos da doutrina, a hierarquia não fizeram parte deste estudo, mas podem ter relação com o comportamento de José na sua família, já que ele é militar.

Esta pesquisa ajudou na compreensão do meu próprio papel de disseminadora da não aceitação da desigualdade de gênero, sendo educanda e ajudando na formação dos meus filhos, seja como esposa, como amiga, como psicóloga e/ou como cidadã brasileira.

Referências

- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar (M.A.V. Veronese, trad.). In B. Carter & M. McGoldrick (Orgs.). *Mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. Arte Médicas.
- Cunha, R.S, & Pinto, R.B. (2019). *Violência Doméstica. Lei Maria da Penha – 11340/2006, Comentada artigo por artigo* (8ª ed). Editora JusPodivm.
- Marra, M. M. (2016). *Conversas criativas e abuso sexual. Uma proposta para o atendimento psicossocial*. Ágora.
- Marra, M. M. (2020). *Cuidado Vigilante: Intervenção psicossocial com famílias em situação de maus-tratos e violência sexual*. Ágora.
- McGoldrick, M, & Gerson, R & Petry, S. (2012). *Genogramas. Avaliação e intervenção familiar* (3ª ed). Artmed.
- Minayo, M. C. de S. (2014). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (14ª ed.). Hucitec.
- Nichols, M.P., & Schawartz, R. C. (2007). *Terapia familiar: Conceitos e métodos* (7ª ed). Artmed.
- Sant'Anna, T. C., & Penso, M. A. (2016). A Transmissão Geracional da Violência na Relação Conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33: 1-11. Universidade Católica de Brasília.
- Seixas, M. R. D'A., & Dias, M. L. (2013). *A violência doméstica e a cultura da paz* (1ª ed). Santos. Grupo Editorial Nacional.

Endereços para correspondência:

Deborah Cristina Silveira Thomaz – madpsic@yahoo.com.br

Marlene Marra – marlenemarra1@gmail.com